

CIÚME ROMÂNTICO EVOLUCIONISMO E APRENDIZAGEM SOCIAL¹

ROMANTIC JEALOUSY- EVOLUTIONISM AND SOCIAL LEARNING

Victor V. Sviatopolk-Mirsky*

Pedro Jurberg**

Marise Bezerra Jurberg***

Resumo

A explicação das diferenças entre o comportamento social de homens e mulheres, a partir de uma explicação biológica adaptativa, se constitui um dos temas centrais da psicologia evolucionista, constituindo uma teoria alternativa teórica, face às correntes socioculturais dominantes. Dentre os fenômenos para cujo estudo ela trouxe estudos da maior importância, destaca-se o ciúme romântico heterossexual. O presente artigo avalia algumas das diferenças qualitativas entre as manifestações de ciúme dos homens e das mulheres, através da análise comparativa do comportamento masculino e feminino, com referência a dois fenômenos: ciúme e autoritarismo. Usando estas duas variáveis, medidas através de instrumentos que não se baseiam em construtos evolucionistas, realizamos um contraponto entre as posições evolucionistas e a da aprendizagem social, relativamente aos assuntos estudados.

¹ Artigo baseado na dissertação de mestrado homônima de Victor de V. Sviatopolk-Mirsky defendida em 13 de agosto de 2002 na Universidade Gama Filho (UGF) e publicado na revista *Scientia Sexualis* 8(2):65-88, 2002.

* Psicólogo, Especialista em Sexualidade Humana e Mestre em Sexologia pela Universidade Gama Filho.
E-mail: vmirsky@uol.com.br

** Doutor em Ciências (UFRJ), Professor Orientador do Mestrado em Sexologia da Universidade Gama Filho (UGF), Pesquisador Titular da Fundação Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

*** Doutora em Psicologia (USP); Professora Orientadora do Mestrado em Sexologia da Universidade Gama Filho

Palavras-chave: ciúme romântico, autoritarismo, psicologia evolucionista, construtivismo social, identidade de gênero.

ABSTRACT

The explanation of the differences between male and female social behaviour from an adaptive biological perspective is one of evolutionist psychology's main subjects, constituting an alternative theory to the sociocultural streams now prevailing. Heterosexual romantic jealousy stands out among the phenomena to which study its theoretical contribution is most significant. This paper assesses some of the qualitative differences between men's and women's manifestations of jealousy, through a comparative analysis of male and female behaviour, concerning two phenomena: jealousy and authoritarianism. Using this two variables, measured with instruments not founded on evolutionist constructs, we made a counterpoint between evolutionism's and social learning's approaches to the studied subject.

Key words: romantic jealousy; authoritarianism; evolutionist psychology; social constructivism; gender identity

Introdução

Quando observamos o comportamento de um ser humano, uma pergunta costuma assaltar-nos logo à mente. Será sua forma de agir produto do meio e dos valores que lhe foram passados pela educação, ou resultado do patrimônio genético que herdou dos pais e trouxe consigo no momento do nascimento ?

Essa pergunta foi feita por todos os pesquisadores do comportamento humano e anima,l ao longo de décadas, e acabou por gerar um longo debate em que a balança parecia ora pender para o lado do genético, ora para o lado da aprendizagem social.

Por longo tempo, baseada numa fundamentação biológica excessivamente impregnada de mecanicismo, a psicologia acreditava que todas as crianças eram semelhantes e que vinham ao mundo com o seu desenvolvimento pré-programado. Essa visão contribuiu para distanciar, por longo tempo, a perspectiva psicológica da criança dos seus contextos históricos e educacionais, fazendo com que se subestimassem por anos uma vasta gama de fatores organizadores, facilitadores e moduladores da transição da criança ao adulto e que, em grande parte, respondem também pelas diferenças encontradas nos comportamentos de homens e mulheres.

Esses fatores, derivados de uma aprendizagem social resultante das atitudes e comportamentos reforçados ou não pela educação e cultura do local onde se vive, acabam por influenciar comportamentos e atitudes dos mais variados tipos, chegando a filigranas tais como a cor da indumentária que a criança deve vestir ou os brinquedos com os quais deve brincar, e que acabam “definindo” também o gênero no qual a criança será inserida e se reconhecerá.

Como bem diz Silva, “Pertencemos à uma estrutura social extremamente dicotômica, no que se refere a sexo, e a tudo e a todos, definimos como masculino e feminino.” (Silva, 1997 pág, 82)

Esses reforços educacionais seletivos vão formando o que denominamos “sexo de criação”, que modelam comportamentos que passam a ser considerados, dentro dos papéis sócio-sexuais que a sociedade define para cada um, como ”típicos” de homens e mulheres, ou, mais especificamente ainda, típicos de cada fase de vida pelo qual o indivíduo passa. Como diz Jurberg (2000).

Para a construção do sexo psicológico e da identidade social de gênero, é necessário que compreendamos o processo de socialização que ocorre desde os

primeiros estágios de desenvolvimento, sendo subdividido em função de faixas etárias específicas. Assim, temos a socialização primária, a secundária e a terciária. Esta última, por corresponder ao processo de socialização de idosos, é, inclusive, denominada "ressocialização", termo pelo qual a psicologia social tem pretendido denominar o processo de integração do idoso a seus "novos" papéis sociais. (Jurberg, 2000 pág 31)

Embora, ao longo dos últimos cem anos, a psicologia tenha sempre ressaltado ora um ora outro desses aspectos fundamentais ao comportamento humano, os avanços da ciência vêm demonstrando, cada vez com mais ênfase, que os fatores biológicos e sociais são, na realidade, interdependentes.

Como afirma Meaney :

“Nature² and nurture do not exist in a manner that can ever be considered independently quantifiable. There is, instead, simply a continuing process of development that emerges from the constant dialogue between gene and environment.” Meaney (2001, pág 50)

Lamentavelmente contra todas as evidências, a biologia, a psicologia e as ciências sociais, por negligência ou preciosismos teóricos, ainda não abandonaram definitivamente essa antiga controvérsia sobre a maior ou menor influência da natureza ou da cultura (nature versus nurture) no comportamento humano, adiando incompreensivelmente a possibilidade de uma compreensão mais abrangente do ser humano.

Recentemente, psicólogos evolucionistas, ao descreverem a mente humana como uma coleção de módulos complexos que funcionam de forma semelhante a programas de computador, mas que respondem plasticamente, e não

² “Natureza e ambiente não existem de forma que possam ser considerados quantificáveis independentemente. Eles são simplesmente um processo contínuo de desenvolvimento que emerge do diálogo constante entre os genes e o ambiente.”

de forma pré-programada, aos desafios ambientais, talvez tenham criado o construto teórico que possibilite finalmente a integração teórica há tanto tempo necessária entre os defensores dessas duas visões da natureza humana.

Entre os fenômenos estudados pela psicologia evolucionista destaca-se o ciúme, tema aparentemente tão prosaico, mas de inegável importância nas relações humanas e no exercício da sexualidade. Sua importância pode ser diariamente constatada nos relatos de pacientes nas clínicas psicológica e sexológica, assim como nas centenas de questões julgadas nas varas de família, nas quais o ciúme é o motivo principal de discórdia.

Esse fenômeno, até então estudado apenas por perspectivas ligadas a fatores individuais ou situacionais (White, 1981; Hupka et al, 1985; Eshett & Hupka, 1998; White & Mullen, 1990; Parrot & Smith, 1993; Santos, 1998), centrados em uma visão cultural do fenômeno, mereceu dos evolucionistas, (Buss, Westen & Semmelroth, 1992; Bailey et al, 1994; Buss, 2000) uma série de contribuições teóricas centradas no biológico.

Na perspectiva evolucionista, a ênfase maior, no estudo do ciúme, recai nas diferenças acerca da forma como o mesmo se manifesta em homens e mulheres, interpretados por uma ótica ligada às “políticas” reprodutivas que ambos os sexos tiveram que desenvolver ao longo da evolução, dada à sua importância adaptativa como comportamento antecipatório a uma possível infidelidade amorosa.

Foram justamente essas novas contribuições teóricas, proporcionadas por essa nova forma de ver o ciúme, que levaram à formulação de novas e

interessantes hipóteses sobre um assunto que já parecia tê-las esgotado, razão pela qual centralizamos as atenções de nosso artigo neste tema.

Material e Métodos

Objetivos

Nossa pesquisa procura, através da aplicação, a duas amostras — uma feminina e outra masculina — de um instrumento de medida de ciúme, não baseado em construtos evolucionistas, confirmar ou não as afirmações evolucionistas acerca das diferenças qualitativas em sua manifestação em homens e mulheres.

Usamos, ainda, como contraponto ao ciúme, uma variável que, além de ser uma característica individual de personalidade, é também reconhecida como inerente a certas sociedades: o autoritarismo.

Escolhemos essa variável por ser um fenômeno há longos anos estudado pela psicologia social e a sociologia, cujas abordagens tradicionais vêm sendo vivamente questionadas pela visão evolucionista acerca dos comportamentos sociais.

Discutiremos ainda algumas idéias que permitam vislumbrar em um futuro próximo, uma convergência maior - e não mutuamente preconceituosa - entre os teóricos defensores dos fatores sociais e aqueles que defendem o fatores biológicos, para que se consiga uma compreensão mais abrangente da verdadeira natureza humana.

Instrumentos de Medida

Nossa pesquisa compara dois grupos, um feminino e outro masculino, com idades variando entre 18 e 55 anos aos quais foram aplicados dois

instrumentos de medida: a Escala F de Autoritarismo de Adorno (1950) e a Escala F e M de Ciúme Romântico de Ramos (2000).

Após a coleta dos dados, foi feito o levantamento, em cada uma das amostras, dos graus de ciúme nos quatro fatores medidos pela Escala de Ciúme de Ramos e do grau de autoritarismo. (Análise intragrupal)

A seguir, foi realizada a comparação estatística entre os dois grupos (masculino e feminino), em relação às mesmas variáveis (Análise intergrupala).

A Escala F de Adorno, também conhecida como Escala F de Dogmatismo, devido a Rokeach, (1973), é uma escala do tipo “Likert,” constituída de 28 afirmações, que devem ser avaliadas pelos respondentes, através de um dos seguintes valores: -3,-2,-1,0,+1,+2,+3, conforme seu grau de concordância ou discordância. Quanto maior o escore positivo resultante do balanço entre as respostas positivas e negativas, maior o grau de autoritarismo.

A escala de autoritarismo foi construída a partir da formulação de um construto psicológico formado por tendências latentes e manifestas, correlacionadas a ideologias conservadoras, etnocêntricas e antidemocráticas.

A Escala de Ciúme Romântico de Ramos, por sua vez, é baseada numa teoria que explica a estrutura mental do ciúme na vida das pessoas de forma dinâmica, não considerando o ciúme como uma questão de tudo ou nada.

O ciúme, nessa escala, é avaliado quanto à sua intensidade, podendo um indivíduo ou grupo ser mais ou menos ciumento do que outros, ou um mesmo indivíduo apresentar ciúme mais ou menos intenso em certas situações ou relacionamentos, do que em outros.

A medida fornecida por esta escala, portanto, indica graus de ciúme e considera que, em indivíduos normais, o ciúme pode variar inter e intra pessoalmente, em termos de sua intensidade.

Ramos (2000), na construção de sua escala, encontrou quatro fatores significativos, os quais são: aceitação, raiva, dor e ameaça x não ameaça (fator geral) os quais, por sua vez, geraram 5 classes, correspondentes aos seguintes graus de ciúme: ínfimo, leve, moderado, intenso e excessivo, conforme a tabela a seguir.

Tabela 1: Classificação dos Graus de Ciúme de acordo com a Escala de Ciúme de

FATORES	G R A U S D E C I Ú M E				
	Ínfimo	Leve	Moderado	Intenso	Excessivo
Aceitação	> 3,39	3,39 a 2,87	2,86 a 1,79	1,78 a 1,25	< 1,25
Dor	< 2,06	2,06 a 2,73	2,74 a 4,11	4,12 a 4,80	> 4,80
Raiva	< 1,71	1,71 a 2,28	2,29 a 3,45	3,46 a 4,03	> 4,03
Não ameaça versus ameaça (geral)	> 3,53	3,53 a 3,05	3,04 a 2,05	2,04 a 1,56	< 1,56

Fonte: Ramos, A.L.M. 2000, pág 104.

Hipóteses

As nossas hipóteses de trabalho foram as seguintes:

1. Homens e mulheres possuem diferenças qualitativas, estatisticamente significativas, em relação à manifestação do ciúme medida pelos fatores da escala de ciúme romântica de Ramos.
2. Os homens são significativamente mais autoritários do que as mulheres.
3. Existe uma correlação positiva entre a intensidade da manifestação do ciúme nas relações românticas, medida pelo fator geral da Escala do Ciúme Romântico de Ramos, e o grau de autoritarismo em homens e mulheres.
4. Em nossa sociedade, com base nas mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas (inserção no mercado de trabalho, maior liberdade sexual, etc.), mulheres mais jovens tendem a ser significativamente mais autoritárias que mulheres mais velhas.
5. Existe uma correlação negativa entre a idade dos indivíduos (homens e mulheres) e o grau de ciúme dos mesmos.

Amostra

Em nosso estudo, usamos uma amostra acidental, não-probabilística, constituída por 93 (noventa e três) homens, e 124 (cento e vinte e quatro) mulheres com idades entre 18 (dezoito) e 55 (cinquenta e cinco) anos. No grupo masculino, a média encontrada foi de $\bar{X} = 30,98$ anos e $\sigma = 10,01$; no grupo feminino, $\bar{X} = 29,31$ e $\sigma = 9,88$. Da amostra fizeram parte estudantes universitários, funcionários administrativos e professores provenientes da Universidade Gama

Filho, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Instituto Isabel na cidade do Rio de Janeiro.

Análise dos resultados

A partir de nossas hipóteses, as principais perguntas que precisávamos responder, a partir do tratamento estatístico de nossos dados, eram as seguintes:

1. Quais os graus de ciúme nos diversos fatores da escala de Ramos em cada um dos grupos (masculino e feminino)?
2. Existe alguma relação entre a variável autoritarismo, o fator geral e os três fatores específicos de ciúme medidos na escala de Ramos?
3. Existem diferenças significativas entre os grupos masculino e feminino quanto à variável grau de autoritarismo ?
4. Existem diferenças significativas entre os grupos masculino e feminino em relação aos fatores do ciúme (fator geral, aceitação, dor e raiva) apontados pela Escala de Ciúme Romântico de Ramos, quando relacionados à variável autoritarismo ?
5. Existe relação entre a idade dos indivíduos e o fator geral de ciúme ?

Os principais resultados estatísticos obtidos, para responder às questões formuladas, são apresentados abaixo.

De acordo com a natureza dos dados recolhidos, utilizamos o teste U de Mann-Whitney (Tabela 2). A associação realizada pelo teste refere-se às relações entre uma variável qualitativa (sexo dos indivíduos da amostra) e variáveis quantitativas.

Tabela 2: Mann-Whitney U Test - By variable SEXO

Group 1: 101-F

Group 2: 100-M

	Rank Sum	Rank Sum				Z		Valid N	Valid N
	F	M	U	Z	p-level	Adjusted	p-level	F	M
IDADE	12792.00	10861.00	5042.00	-1.5818	.113708	-1.5834	.113335	124	93
AUTOR	12088.00	11565.00	4338.00	-3.1199	.001811	-3.1205	.001807	124	93
ACEIT	12515.50	11137.50	4765.50	-2.1859	.028831	-2.2270	.025955	124	93
DOR	18260.50	5392.50	1021.50	-	.000000	-	.000000	124	93
RAIVA	12619.50	11033.50	4869.50	-1.9587	.050161	-1.9595	.050067	124	93
GERAL	12172.50	11480.50	4422.50	-2.9353	.003335	-2.9358	.003329	124	93

Podemos observar, pela tabela 2, que quando comparamos a variável independente sexo com as variáveis dependentes idade, autoritarismo, fatores específicos da escala de ciúme romântico de Ramos (aceitação, dor e raiva) e com o fator geral de ciúme (aceitação versus não aceitação) da mesma escala, ao nível de significância de $p < 0,05$, encontramos valores significativos nos fatores: autoritarismo, aceitação, dor e no fator geral de ciúme. Assim, os homens mostraram maior grau de autoritarismo e também níveis mais elevados mais no fator geral do ciúme. Somente no fator raiva, não se observou diferença significativa graus entre homens e mulheres, embora, neste fator, os resultados tenham ficado exatamente no limite de aceitação da significância.

Observando as tabelas 3 e 4, a seguir, que representam os coeficientes de correlação de Spearman, existentes entre os fatores idade e autoritarismo, nos grupos masculino e feminino, podemos inferir algumas conclusões:

Tabela 3: Correlações de Spearman - Sexo Masculino.

	Valid N	Spearman R	t(N-2)	p-level
AUTOR & GERAL	93	-.285230	-2.83885	0,005584
IDADE & GERAL	93	.229291	2.247166	0,027047
IDADE & AUTOR	93	-.129026	-1.24120	0,17721
AUTOR & ACEIT	93	-.192597	-1.87232	0,064374
AUTOR & DOR	93	-.122133	-1.17387	.243512
AUTOR & RAIVA	93	-.134681	-1.29659	0,198051

Tabela 4: Correlações de Spearman - Sexo Feminino.

	Valid N	Spearman R	t(N-2)	p-level
AUTOR 2 & GERAL 2	124	-0,073765	-0,816989	0,415527
IDADE 2 & GERAL 2	124	0,174468	1,957074	0,052623
IDADE 2 & AUTOR 2	124	-0,217246	-2,45827	0,015365
AUTOR 2 & ACEIT 2	124	-0,034050	-0,376308	0,707341
AUTOR 2 & DOR 2	124	0,071113	0,787465	0,432537
AUTOR 2 & RAIVA 2	124	0,191836	2,158996	0,032808

Tabela 5: Correlações de Spearman - amostra Total

	Valid N	Spearman R	t(N-2)	p-level
IDADE & AUTOR	217	-0,154989	-2,30038	0,022386
IDADE & ACEITAÇÃO	217	0,108753	1,60414	0,110151
IDADE & DOR	217	-0,182481	-2,72140	0,007033
IDADE & RAIVA	217	-0,100219	-1,47693	0,141158
IDADE & FAT GERAL	217	0,210114	3,15122	0,001858
AUTOR & FAT GERAL	217	-0,118389	-1,74821	0,081855

1. Entre indivíduos do sexo masculino, conforme nossa hipótese, encontramos uma correlação positiva entre o grau de autoritarismo e o fator geral do ciúme³ ($r_s = -.285230$) ($p = 0.005584$), isto é, o fator geral de ciúme tende a aumentar nos homens, à medida que aumentam os escores de autoritarismo. Na amostra feminina,

³ Devemos lembrar que, na correlação de Spearman, embora o sinal da correlação se apresente como negativo, a correlação é, na verdade, positiva, devido à característica do fator geral de ciúme na tabela 2 da Escala do Ciúme Romântico de Ramos, onde os escores menores representam maior ciúme.

entretanto, esta correlação não aparece, ($r_s = -0,073765$) ($p = 0,415527$), da mesma forma que também não aparece quando se leva em conta a nossa amostra total ($r_s = -0,118389$) ($p = 0,081855$). Esses dados levam-nos a inferir que, provavelmente, na relação do autoritarismo com o fator geral do ciúme, existem diferenças qualitativas entre homens e mulheres.

2. Entre indivíduos do sexo masculino, apuramos, de acordo com nossas expectativas, uma correlação negativa entre a idade e o fator geral do ciúme ($r_s = 0,229291$) ($p = 0,027047$). Isto sugere que quanto mais velho o homem, menos tendência a manifestar ciúme ele tem. Na amostra feminina, no entanto, esta correlação não existe, pois os valores encontrados ($r_s = 0,174468$) ($p = 0,052623$), embora encontrem-se quase exatamente no limite de aceitação da nossa hipótese, não nos permitem concluir o contrário.
3. Para uma melhor análise dos dados referentes à população feminina, calculamos a correlação de Spearman entre os fatores analisados no item dois (idade e fator geral de ciúme), em nossa amostra total (Tabela 5). Chegamos aos seguintes valores: ($r_s = 0,210114$) ($p = 0,001858$) sugerindo, que, na população em geral, realmente se revela uma tendência de correlação negativa entre idade e grau geral de ciúme. Em função disso parece-nos poder inferir que provavelmente, também as mulheres tendem a um decréscimo (de menor grau) na intensidade do ciúme, conforme aumentam suas idades. De qualquer forma, esse aspecto merece maiores estudos.
4. Entre indivíduos do sexo feminino, encontramos uma relação negativa entre o fator idade e o nível de autoritarismo, confirmando nossa hipótese, ou seja, mulheres mais jovens tendem a ser mais autoritárias do que mulheres mais velhas ($r_s = -0,217246$) ($p = 0,015365$). Entre os homens, essa relação não é significativa ($r_s = -0,129026$) ($p = 0,217721$). Se levarmos em conta a nossa amostra total, verificamos que os valores encontrados ($r = -0,154989$) e ($p = 0,022386$) sugerem existir uma tendência de que, conforme a idade aumente, o autoritarismo diminua.

5. Entre as mulheres, encontramos ainda uma relação positivamente significativa entre o fator autoritarismo e o fator raiva da escala de ciúme romântico de Ramos ($r_s = 0,191836$) ($p = 0,032808$), tendência que não parece existir entre os homens ($r_s = -0,134681$) ($p = 0,198051$).
6. Embora, em nosso questionário, tivéssemos solicitado aos respondentes que indicassem o seu nível educacional, acabamos por não efetuar nenhuma medida com esse dado, pois, como nossa amostra foi recolhida em ambiente universitário, praticamente todos os respondentes tinham nível superior, com algumas poucas exceções de indivíduos que possuíam o segundo grau completo, o que não permitiria, portanto, uma discriminação adequada. Em nossa pesquisa bibliográfica, no entanto, encontramos um trabalho (Caíres et al, 1997) em que, utilizando também a Escala de Ciúme Romântico de Ramos, foi realizada uma comparação dos graus de ciúme entre universitários e não-universitários, aos níveis de significância de 0,01 e 0,05, não tendo sido encontradas diferenças significativas.
7. Para responder à hipótese número um, agrupamos, em uma tabela de dupla entrada, do tipo 2 X 2, os resultados da classificação de autoritarismo, constantes em nossa planilha, de duas formas diferentes e ambas demonstraram serem, os homens, significativamente mais autoritários que as mulheres.

Na primeira tabela incluímos, para efeito da análise, os indivíduos classificados em nossa planilha como “pouco autoritários” (retirados do grupo não- autoritário) e os resultados encontrados estão sistematizados na tabela 6, a seguir:

Tabela 6- Comparação da variável autoritarismo em relação ao sexo dos indivíduos. (Incluindo os indivíduos pouco autoritários, entre os não-autoritários.).

A - AUTORITÁRIOS (Fortemente + Moderadamente)
 NA - NÃO AUTORITÁRIOS (Pouco + Neutro + não autoritário)

	FEM -	MASC		Chi-Squares	P-values
A	22	35	57	Uncorrected : 10.86	0.0009837
				Mantel-Haenszel: 10.81	0.0010107
NA	102	58	160	Yates corrected: 9.86	0.0016936
E	124	93	217		

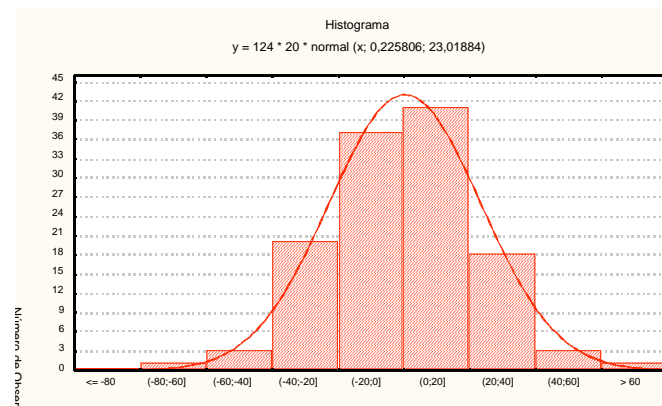
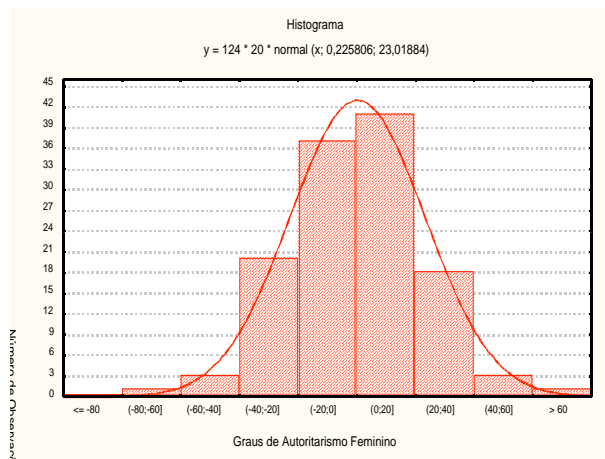
Na tabela seguinte, incluímos os indivíduos classificados em nossa planilha como “pouco autoritários”,(retirados da categoria autoritários), tendo sido encontrados os resultados:

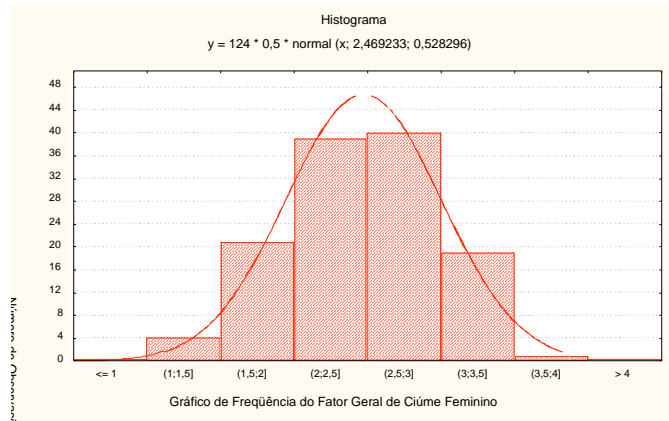
Tabela 7: Comparação da variável autoritarismo em relação ao sexo dos indivíduos. (Incluindo os indivíduos pouco autoritários no grupo dos autoritários.).

A - AUTORITÁRIOS (Fortemente + Moderadamente + Pouco)
 NA - NÃO AUTORITÁRIOS (Neutro + não autoritário)

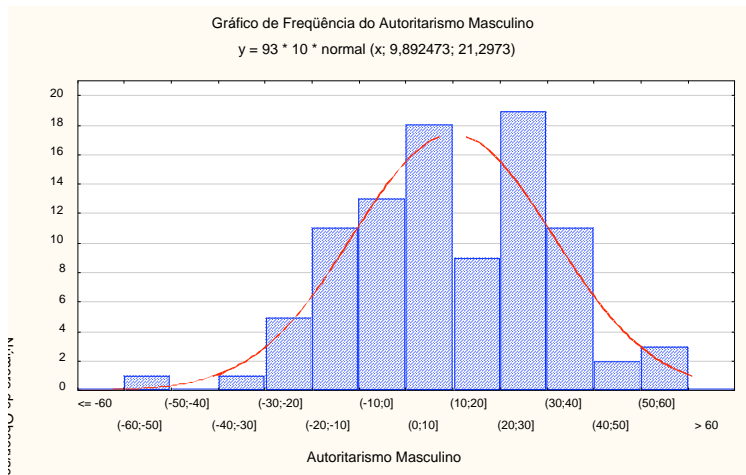
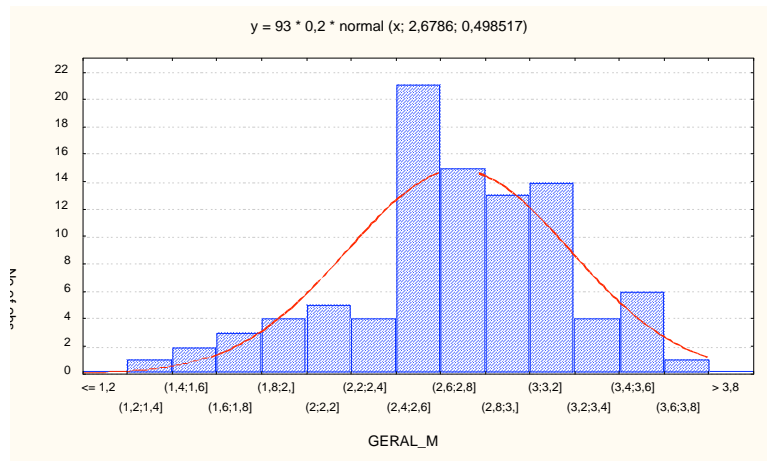
	FEM -	MASC -		Chi-Squares	P-values
A	65	62	127	Uncorrected : 4.44	0.0350220
				Mantel-Haenszel: 4.42	0.0354447
NA	59	31	90	Yates corrected: 3.88	0.0489658
E	124	93	217		

Os histogramas, a seguir, permitem uma visão mais detalhada das respostas às duas escalas.





Quanto à Escala de Ciúmes, a figura seguinte evidencia o aumento do grau de ciúme, à proporção em que aumenta a idade dos sujeitos da amostra. Da mesma forma, pode-se analisar o grau de autoritarismo do grupo masculino, comparativamente ao grupo feminino.



Discussão dos Resultados

Pelos resultados obtidos, pudemos verificar que existem diferenças qualitativas bastante relevantes nas manifestações de ciúme, de acordo com o gênero.

As diferenças qualitativas, relacionadas ao sexo dos respondentes, foram encontradas tanto em relação ao fator geral do ciúme (aceitação versus não-aceitação), quanto nos fatores específicos (aceitação e dor) da escala de ciúme de Ramos.

O fato de encontrarmos um decréscimo estatisticamente relevante, no grau de ciúme dos homens, à medida que envelhecem, enquanto nas mulheres esse decréscimo não está perfeitamente claro, foi também um resultado interessante, por suscitar novas perguntas, que podem ser assunto para novas pesquisas. Mudariam em homens e mulheres as qualidades da manifestação do ciúme, se comparássemos grupos masculinos e femininos com variação significativa de idades? (intervalos de 10 anos, por exemplo).

A variável autoritarismo também nos trouxe interessantes conclusões, não só por assinalar diferenças significativas nos graus de autoritarismo entre homens e mulheres, como também por sugerir, com clareza, o fato de mulheres mais novas serem mais autoritárias que as mais velhas.

Não será essa uma mostra flagrante da influência dos valores sociais no comportamento? A que outro motivo poderíamos ligar esse fato, que não àquele referente às mudanças de comportamento social e sexual, ocorridas em relação ao sexo feminino nos últimos trinta anos, tornando as mulheres mais afirmativas em seus relacionamentos ?

Conclusões

As contribuições teóricas da psicologia evolucionista a respeito do ciúme, nos últimos anos, tiveram o inegável mérito de sacudir os estudos referentes ao assunto, inspirando numerosos trabalhos e provocando notável recrudescimento das discussões teóricas a respeito de sua natureza, já que, na literatura especializada, o ciúme era visto apenas como um traço de personalidade do sujeito,

que se manifestaria em diversas relações sociais (White, 1984), ou como uma emoção exteriorizada, produto dessas relações, ou ainda como um construto de natureza fenomenológica (Mullen, 1990).

As hipóteses levantadas pelos evolucionistas colocaram a variável biológica como explicação provável sobre sua natureza. De início, suas hipóteses a respeito do ciúme (Bailey et al, 1994; Buss, Westen & Semmelroth, 1992) e de outros aspectos do relacionamento homem versus mulher pareceram todas verdadeiramente inovadoras. Hoje, percebe-se mais claramente que várias delas já haviam sido discutidas antes, sob outra perspectiva.

A questão, por exemplo, de que os homens seriam mais ciumentos em relação a uma aventura sexual eventual de suas mulheres e de que estas, por sua vez, manifestariam maiores reações ciumentas em caso de seus companheiros encetarem um relacionamento de natureza emocional, com outras mulheres, já havia sido abordada por Kinsey, Pomeroy & Martin, (1948). Há quase meio século, portanto, eles discutiram alguns ângulos do potencial de infidelidade humana, concluindo que as mulheres pareciam mais propensas a trair quando sentiam ser alvo de pouca atenção romântica, desprezo emocional ou falta de amor de seus companheiros.

Além disso, apesar da originalidade de muitas das propostas dos evolucionistas, tanto em assuntos mais específicos, como o ciúme, como quanto à possível natureza inata dos padrões de beleza, ou mesmo suas formulações teóricas de natureza mais geral como, por exemplo, a forma como entendem as emoções e suas idéias a respeito da base biológica da organização social humana, os

evolucionistas, a nosso ver, apresentam inconsistências teóricas e metodológicas que permitem alguns comentários.

Algumas das razões que nos levam a pensar assim são as seguintes:

a) Em nossa pesquisa bibliográfica sobre o ciúme, não encontramos nenhum trabalho em que, os evolucionistas tivessem utilizado alguma das várias escalas de medida já disponíveis, elaboradas com mais rigor psicométrico, por outros autores.

b) Embora baseadas geralmente em construtos teóricos diferentes dos seus, essas escalas poderiam ter sido utilizadas na verificação de suas hipóteses; se, como acreditam os evolucionistas, o ciúme é uma adaptação inata, as diferenças qualitativas na sua manifestação deveriam aparecer, quaisquer que fossem as escalas de medida ⁴ usadas.

c) Em relação ao ciúme romântico, os evolucionistas formularam, a nosso ver, uma desnecessária - se não falsa - dicotomia, ao criarem uma classificação até então inexistente na literatura especializada: a de ciúme sexual (que seria tipicamente masculino), e ciúme emocional (que seria tipicamente feminino).

d) Parece-nos claro que um tipo de ciúme implica o outro, como, aliás, propõe a hipótese do “duplo tiro” de DeSteno & Salovey, (1996). Nenhum homem deixaria de manifestar ciúme de sua mulher, se percebesse ter ela estabelecido um relacionamento de ordem emocional

⁴ Ramos, (2000, págs 90 e 91) apresenta em seu livro um quadro no qual cita dez escalas diferentes construídas entre os anos de 1976 e 1982 por diversos autores e baseadas em construtos teóricos diversos. Entre elas cita a Jealousy Scale de White, a Interpersonal Jealousy Scale de Mathes & Severa, a Projective Jealousy Scale de Bringle et al, e a Self-Report Jealousy Scale de Bringle et al na qual existe inclusive a medição de um fator referente a ciúme sexual.

com outro homem, da mesma forma que nenhuma mulher deixaria de manifestar ciúme, se imaginasse seu companheiro relacionando-se sexualmente com outra.

e) Essa dicotomia é desnecessária, até mesmo se levarmos em conta a própria teoria evolucionista. Eles afirmam que uma das finalidades do ciúme é servir de defesa antecipada — tanto por homens quanto por mulheres — à percepção de quaisquer sinais de possível infidelidade dos parceiros amorosos. Não existe, nessa abordagem, nenhuma diferença na discriminação da natureza desses sinais (se emocionais ou sexuais) por parte de homens e mulheres, como seria de se esperar, se a dicotomia fosse verdadeira.

f) Além disso, algumas das pesquisas mais importantes em relação às idéias evolucionistas, como a de Buss et al., (1989), na qual os dados foram obtidos em 37 culturas diferentes, podem, conforme demonstraram Eagly and Wood (1999, apud Rabinowitz & Valian, 2000), ser analisadas e correlacionadas a hipóteses que demonstram a importância das regras sociais, mostrando, dessa forma, a íntima relação entre os fatores biológicos e sociais nos fenômenos ligados aos comportamentos humanos.

g) A teoria evolucionista falha, também, ao usar freqüentemente, como apoio às suas hipóteses, grande número de inferências teóricas explicadas com base em fatos acontecidos há milhares de anos, cuja demonstração é impossível, em detrimento de variáveis atuais. Cria, dessa forma, hipóteses do tipo “ex post facto” e deixa de respeitar um dos principais

axiomas da filosofia das ciências: o dever dos cientistas em tentar procurar, sempre, as explicações mais simples, para determinado fenômeno.

É claro que a psicologia evolucionista não é a única a merecer críticas. As visões teóricas baseadas na aprendizagem social também possuem aspectos nos quais merecem reparos.

a) Elas têm sido incapazes de perceber a inegável riqueza de algumas das hipóteses formuladas pelos evolucionistas, tendo evitado, de forma quase sistemática, pesquisá-las sob seu crivo teórico.

b) Julgamos inaceitável, nas teorias de aprendizagem social, a manutenção dessa atitude francamente desinteressada e, por vezes até hostil a qualquer idéia que implique o reconhecimento da necessidade de incluir hipóteses biológicas nos estudos de fenômenos sociais.

Hass e colaboradores (2000) formulam um exemplo, que julgamos mostrar com clareza, porque o biológico precisa ser considerado nas afirmações formuladas pelas ciências sociais.

Imaginemos que as mulheres apresentassem apenas um ciclo reprodutivo por ano e que se mantivessem receptivas a relações sexuais, apenas em um curto período de poucos dias, no mês de junho.

As relações sociais numa sociedade humana em que essa simples mudança no sistema reprodutivo feminino ocorresse, seria radicalmente diferente. Nesse curto período anual, grande parte das atividades da vida diária cessariam, provocando tanto uma fervilhante atividade sexual, quanto uma intensa

competitividade (provavelmente agressiva) entre os machos, pela primazia de copularem com as fêmeas.

Nove meses depois (em março), haveria uma avalanche de nascimentos, também limitados a um período de poucas semanas que, sem dúvida, tumultuaria muito a organização social, que precisaria de grandes mudanças para se adaptar ao fato.

Não é difícil imaginar o enorme impacto que essa sociedade sofreria em termos econômicos, educacionais e em toda sua estrutura social.

c) Acreditamos que as ciências sociais deveriam discutir o modelo multimodular da mente humana, proposto pela psicologia evolucionista, já que talvez ele possa servir, pelo menos provisoriamente, como elo de integração entre o biológico e o cultural nas relações sociais, pois admite intrinsecamente que o genético e o cultural não caracterizam componentes separados um do outro, mas processos inseparáveis, interdependentes e em constante interação.

d) Na realidade, o modelo multimodular é bastante semelhante a alguns modelos da psicologia cognitiva — o modelo piagetiano⁵, por exemplo — e seria muito produtivo, para as ciências do comportamento, que os adeptos do social e do biológico pudessem aceitar, ao menos, um construto teórico comum, que pudesse servir de elo de ligação em pesquisas conjuntas por estudiosos dos dois lados.

⁵ Nas conclusões (pág 134 e 135) de seu pequeno livro *A Psicologia da Criança* (1976), escrito em conjunto com Inhelder ao discorrer sobre os fatores do desenvolvimento mental Piaget enumera os quatro fatores que julga atualmente básicos para a evolução mental e a compreensão do comportamento humano: a maturação, a ação sob os objetos, as transmissões sociais e a auto-regulação (conceito emprestado da cibernética). A partir desses fatores com certeza não seria difícil uma integração.

A literatura sobre o ciúme, por nós pesquisada, é farta em demonstrar que o número de concordâncias teóricas, formuladas com base em conceitos apenas nominalmente diferentes, é muito grande, como podemos enumerar:

- a. O construtivismo social e a psicologia são ambos interacionistas.
- b. Algumas das hipóteses evolucionistas e sociais a respeito da questão da beleza, embora baseadas em construções teóricas diferentes, são bastante semelhantes.
- c. Quando se trocam relações monogâmicas por poligâmicas, a psicologia evolucionista faz afirmações muito semelhantes às aquelas formuladas pela visão teórica da aprendizagem social.
- d. Tanto a teoria dos scripts sociais, quanto a do investimento parental, baseiam-se em modelos econômicos.

É inacreditável que, com tantas concordâncias em um assunto tão específico como o ciúme, não se possam encontrar concordâncias maiores entre os defensores do social e do biológico. Os dois fatores já são, pelas duas partes, considerados como indivisíveis; portanto, é hora de passar das palavras à prática, para que passemos a encontrar mais psicólogos sociais sendo citados em trabalhos de psicologia evolutiva e que também os psicólogos evolucionistas passem a ser mais citados em trabalhos de psicologia social.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W. et al **The Authoritarian Personality** 1ª ed. New York: Harper, 1950.

BAILEY, J.M et al Effects of gender and sexual orientation on evolutionary relevant aspects of human mating psychology *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 66, n. 6, p. 1081-1093, Junho 1994.

- BUSS, D.M. *A Paixão Perigosa: Por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. 277 p.
- ; WESTEN, D.; & SEMMELROTH, J. Sex differences in jealousy: Evolution, physiology, and psychology. *Psychological Science*, v. 3, p. 251-255, 1992.
- CAIRES, C. et al. Ciúme Romântico: Uma comparação entre universitários e não universitários *Psicólogo in Formação*, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, p. 9-18, 1997.
- CEBOLLERO. Personalidad Autoritaria Disponível em: <http://www.ucm.es/info/eurotheo/j_cebollero.htm> Acesso em: 20 de fevereiro de 2002.
- DESTENO, D.A. & SALOVEY, P. Evolutionary origins of sex differences in jealousy. Questioning the "fitness" model. *Psychological Science*, v. 7, p. 367-372, 1996.
- ESHETT, C. & HUPKA, R.B. Cognitive organization of emotion: differences between labels and descriptors of emotions in jealousy situations. *Perceptual and Motor Skills*, v. 66, n. 3, p. 935-949, 1988.
- HASS, R.G.; ET ALL. The relationship between the theory of evolution and the social sciences, particularly psychology. *Annals of the New York Academy of Sciences*, New York, v. 907, n. 1, p. 1-20, 2000.
- HAWKINS, R.O. The relationship between culture, personality, and sexual jealousy in men in heterosexual and homosexual relationship. *Journal of Homosexuality*, v. 19, n. 3, p. 67-83, 1990.
- JURBERG, M.B. A Construção Social da Sexualidade: Da Identidade Biológica À Identidade Socio-Cultural de Gênero. *Scientia Sexualis*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 19-31, 2001.
- KINSEY, A.C., POMEROY, W. & MARTIN, C. *Sexual Behavior in the Human male* Philadelphia: Saunders, 1948.
- MEANEY, M.J. Nature, Nurture, and the disunity of knowledge. *Annals of the New York Academy of Sciences*, New York, v. 935, n. 1, p. 50-61, 2001.
- MULLEN, P.E. A Phenomenology of Jealousy. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, v. 24, n. 8, p. 17-28, 1990.
- PARROT, W.G.; & SMITH, R.H. Distinguishing the experience of envy and jealousy. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 64, n. 6, p. 906-920, 1993.
- PIAGET, J.; & INHELDER, B. *A Psicologia da Criança* 4ª ed. São Paulo: Difel, 1976. 135 p. (Saber Atual.)
- ROKEACH, M. *The Nature of Human Values* 1ª ed. New York: Free Press, 1973.
- SANTOS, E.F. *Ciúme e o Medo da Perda*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1998. 239 p.
- SILVA, M.C.A. Identidade de Gênero e Expressão Sexual Masculina e Feminina. *Scientia Sexualis*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 80-88, dezembro 1997.
- WHITE, G.L. Comparison of Four Jealousy Scales. *Journal of Research in Personality*, v. 18, p. 115-130, 1984.
- . Some correlates of romantic jealousy. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 49, n. 2, p. 139-145, 1981.

